

MEMÓRIA, IDENTIDADE E HISTÓRIA EM O. G. REGO DE CARVALHO

Natália Ferreira de Sousa¹

RESUMO

O presente artigo analisa como O. G. Rego de Carvalho formulou a própria identidade pessoal e literária pela qual queria ficar conhecido e lembrado na memória piauiense. Dessa forma, o estudo investiga como o escritor elaborou a narrativa historiográfica de sua vida e seus livros, na tentativa de perpetuar sua interpretação ou silenciamento sobre alguns fatos relativos a eles. Para isso, foram utilizadas entrevistas concedidas pelo autor, além de escritos, colunas de jornais e revistas, e o livro *Como e por que me fiz escritor*, de sua autoria.

Palavras-chave: História; O. G. Rego de Carvalho; Identidade; Memória.

ABSTRACT

This article analyzes how O. G. Rego de Carvalho formulated his own personal and literary identity by which he wanted to be known and remembered in Piauí's memory. In this way, the study investigates how the writer elaborated the historiographical narrative of his life and his books in an attempt to perpetuate his interpretation or silence about some facts related to them. For this, interviews given by the author were used, in addition to writings, columns from newspapers and magazines, and the book *Como e por que me made myself a writer*, authored by him.

Keywords: History; O.G. Rego de Carvalho; Identity; Memory.

RESUMEN

Este artículo analiza cómo O. G. Rego de Carvalho formuló su propia identidad personal y literaria por la cual quiso ser conocido y recordado en la memoria de Piauí. De esta forma, el estudio indaga cómo el escritor elaboró el relato historiográfico de su vida y sus libros en un intento de perpetuar su interpretación o silencio sobre algunos hechos relacionados con ellos. Para ello se utilizaron entrevistas concedidas por el autor, además de escritos, columnas de diarios y revistas, y el libro *Como e por que me hice escritor*, de su autoría.

Palabras clave: Historia; O. G. Rego de Carvalho; Identidad; Memoria.

Introdução

Para analisar a vida e obra de O. G. Rego de Carvalho é necessário registrar que certos traços se tornaram recorrentes na construção da memória do escritor, entre eles, o de ser um renovador da literatura piauiense, uma figura polêmica e um homem melancólico. Essas expressões, construídas com base nas vivências do autor, cristalizam, em parte, a representação que O. G elaborou de si, ao tempo em que remetem à experiência de uma época e de uma geração que deixou marcas profundas na cultura piauiense.

O. G. Rego de Carvalho colabora no entendimento dessa relação vida-obra:

¹ Possui graduação em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestra pelo programa de pós-graduação em História do Brasil (UFPI). Email: natalia08ferreira@hotmail.com.

Devo confessar que sempre fui muito introspectivo. Assim, quando comecei a escrever, achei que deveria voltar-me para o meu próprio universo. Decidi que deveria ser a personagem principal do escritor O. G. Então, o que fazer? Tirar tudo de mim: sentimento, pensamento, ação; menos a parte autobiográfica que aparece muito tenuemente em minha ficção².

O trecho acima, parte de uma entrevista concedida no ano de 1982, ressalta as características que simbolicamente foram se fixando em torno de sua subjetividade e de sua obra. Ao condensar sua vida em sua escrita, o autor acabou partilhando de um mundo de sensibilidades constituído em torno de sua realidade e das representações que criou sobre ela. O. G. Rego de Carvalho compôs imagens simbólicas sobre os eventos que o marcaram, de maneira a selecionar os fatos que mereciam destaque em sua trajetória, confrontos vividos e as glórias que mereceu ou julgou merecer.

Buscando, assim, firmar sua identidade através de memórias e fatos que realçassem um escritor preocupado com sua escrita e com seu tempo, O. G. buscava evocar sempre o pertencimento a um espaço bem definido, como no trecho a seguir: “Sei que vou provocar a ira dos interesseiros. Mas, piauiense e amante da terra, sinto-me na obrigação de dizer a verdade, senão para corrigir erros, ao menos para que não me acumplicie pelo silêncio”³. Nessa perspectiva, constrói-se o objeto, aborda-se o sujeito O. G. Rego de Carvalho e se realiza a leitura e a interpretação das fontes.

O. G. Rego de Carvalho e os caminhos da literatura

Como a vida pessoal de O. G. Rego encontra-se entranhada com sua vida literária, a tal ponto de o escritor, em algumas entrevistas, demarcar sua vida através de sua obra, é importante neste primeiro tópico destacar brevemente a biografia do autor, considerando a construção de sua carreira como contista. Nele são apresentadas as cidades de Oeiras e de Teresina da infância e adolescência de O. G., que, ao crescer, ia guardando as próprias impressões acerca dos lugares por onde morou. Aborda-se aqui as descobertas das cidades em que viveu e onde teve experiências que mais tarde seriam acionadas na escrita de suas obras. A experimentação das cidades é, para o autor, preparação para o exercício de uma escrita que o impele ao subjetivo, aos elementos vividos e às angústias e alegrias que surgem no decorrer do tempo.

² CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Cineas Santos. Presença. Teresina, nov. 1982. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007. p. 323.

³ CARVALHO, O. G. Rego de. A Faculdade de Filosofia. **O Dia**. Teresina, ano 7, n. 474, p. 3, 7 jul. 1957. **Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 21 – 32, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

Orlando Geraldo Rego de Carvalho, ou O. G. Rego de Carvalho, nome adotado como assinatura em suas publicações, foi um escritor piauiense, nascido em Oeiras a 25 de janeiro de 1930 e falecido em Teresina a 9 de novembro de 2013. Eleito como um dos expoentes piauienses na literatura, destacou-se, tanto no nível estadual quanto nacional, por sua prosa, que: “Renovou o senso estético com novas roupagens e nuances, carregando nas tintas sem o temor de vir a ser chamado de surrealista”⁴. Recebeu diversas homenagens, ao longo de sua vida, como é o caso do prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1972, pelo romance *Somos todos inocentes* (1971); do título de cidadão teresinense pela Câmara Municipal de Teresina em 1994 e do título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Piauí, em 1995⁵.

Em Oeiras, iniciou sua educação aos seis anos de idade, na escola Armando Burlamaqui, tendo como uma das professoras sua tia Julinha, que apareceria, depois, como personagem, no conto *Viagem de cura* (1950)⁶ e no livro *Ulisses entre o amor e a morte* (1953)⁷. É na escola, também, que começou a desenvolver suas habilidades com as palavras, escrevendo para *O Fanal*, jornal que abrigava a escrita dos alunos das instituições escolares.

Mas lá em Oeiras, eu tive a primeira manifestação escrita, não vou dizer como escritor, que um menino de dez anos não é escritor, essa é a verdade. A professora da minha escola nos fazia escrever trabalhos, e meu avô, que era prefeito municipal, tinha um jornal chamado *Fanal* – fanal quer dizer o mesmo que farol – dedicado exclusivamente à publicação de trabalhos de alunos das duas escolas municipais de Oeiras⁸.

É na sua primeira infância que ocorre a perda de seu pai, falecido a 29 de julho de 1938, quando O. G. Rego de Carvalho tinha oito anos de idade. Esse fato, como a referência à tia Julinha, integram sua obra, demonstrando a impressão que ficou em sua memória da cidade de Oeiras, pessoas e acontecimentos. Testemunho de como a morte do pai deixou grande marca em sua vida, apesar de ser ainda criança, quando isso ocorreu, é que, ao falar sobre inspirações para seu primeiro livro, *Ulisses*, afirma que: “Desde muito novo lutei contra a angústia, entre o amor e morte, daí, porque o sentimento de mundo, a introspecção, análise psicológica [...]”⁹.

⁴ ARÊA LEÃO, Fabrício de. Rio subterrâneo. O Dia. Teresina, 1 fev. 1975. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodiáco, 2007. p. 187.

⁵ CARVALHO, Divaneide. Resumo biográfico. In: CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos todos inocentes**. 8. ed. Teresina: Renoir Editora, 2009.

⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. Viagem de cura. **A Cigarra**. Rio de Janeiro, n. 216, p. 58-60, 64, mar. 1952.

⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o amor e a morte**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano 1953.

⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Quimera Editora, 2014.

⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida ao Diário de Minas. Belo Horizonte, 30/31 ago. 1970. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodiáco, 2007. p. 301.

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 21 – 32, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

Acerca dessa inspiração para a escrita, é interessante notar que O. G. busca na literatura uma forma de expressar seus sentimentos, embora o escritor afirme que não queria ser escritor a princípio, pois queria ser compositor: “Eu sou escritor por derivação, porque queria realmente era ser compositor”¹⁰. A essa afirmação o escritor busca expressar que a literatura surgiu em sua vida por acaso e que, mesmo com seu talento, já comprovado pela publicação e aclamação de sua obra, só foi um literato por não conseguir ser o que realmente queria, dando a interpretação de que não buscou a literatura, mas sim, foi escolhido por ela.

Sobre isso, Alzira Abreu coloca que: “Ao traçar o perfil e a trajetória de vida, o depoente tem um discurso livre, pode escolher falar de si mesmo, de episódios que lhe parecem mais significativos e que dão uma imagem de si mais positiva”¹¹. Aqui o depoente, O. G. Rego de Carvalho, buscou reforçar aquilo que para ele era mais importante em sua formação inicial de escritor, a parte de que ele foi se constituindo como escritor, não nasceu com aquela definição. Dessa forma, o entrevistado molda o tom da entrevista e a percepção que o entrevistador pode fazer dele, levando este a destacar somente aquilo que o entrevistado quer. Por isso, Alzira Abreu destaca adiante que: “Mas a entrevista é realizada dentro de um esquema pré-estabelecido, em que todos os dados formais disponíveis sobre o entrevistado são levantados anteriormente ao depoimento, nas fontes secundárias”¹², justamente para evitar que o entrevistador possa “cair sob o encantamento” do entrevistado e deixá-lo controlar a entrevista. É preciso haver um distanciamento entre as partes, para que a entrevista não revele somente aquilo que um lado quer.

A esse respeito, Thompson ressalta que: “Não obstante o que se dá na verdade é que, em geral, quanto mais se sabe mais provável é que se obtenham informações históricas importantes de uma entrevista”¹³. Ou seja, quanto mais se sabe sobre a temática da entrevista e sobre o entrevistado, mais fácil será para o entrevistador adquirir o conhecimento que busca em meio à conversa e aos assuntos que vão surgindo.

Com isso, compreende-se aqui que as entrevistas de O. G. constroem um mundo simbólico delimitado pela vida do autor e por suas percepções, mas também pelo convívio e influência de diversos grupos e setores, sem prejuízo da criação estética. Ainda de acordo com Weber: “A história é, neste sentido, sempre construção de uma experiência, que tanto reconstrói

¹⁰ CARVALHO, 2014, p. 23.

¹¹ DE ABREU, Alzira Alves. Um novo olhar sobre os jornalistas. Os depoimentos orais. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, v. 1, n. 1, p. 96-104, jul./dez., 2012.

¹² DE ABREU, 2012, p. 98.

¹³ THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 255.

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 21 – 32, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

uma temporalidade quanto a transpõe como narrativa. Neste sentido, a estetização, ou colocação em ficção de uma experiência histórica, é uma obra, uma construção [...]”¹⁴, de modo que se entende que O. G. Rego de Carvalho construiu em seus romances uma narrativa ficcional de sua vida.

Dessa forma, encontra-se na transformação de uma experiência histórica em literatura, aquilo que Alessandro Portelli narra de uma experiência que ele vivenciou com estudantes que tinham dificuldade de entender a obra *Absolom, Absolom*, de William Faulkner. Portelli relata que:

O excepcional projeto de Faulkner, de fato, consiste em não se limitar a descrever uma tradição, mas reproduzi-la: o leitor é colocado na mesma condição do menino que nasce dentro de uma cultura (ou do estrangeiro que tenta se adaptar a ela). Ambos se guiam roubando e juntando fragmentos de informações diversas, de discursos que não lhe são dirigidos. Deles, em princípio, só se entende uma pequena parte; indícios e vestígios são reunidos, hipóteses são construídas e descartadas. Pedi aos estudantes que reconstruíssem o modo como eles próprios conheceram a história de sua família. A proposta é que eles o comparassem não ao modo como Quentin aprende sobre a família dele, mas ao modo como eles mesmos, enquanto leitores, ‘entram’ na história de Sutpen e de Quentin [...]”¹⁵.

Através deste relato, Portelli buscou guiar os estudantes numa leitura de aproximação de vidas, em que os estudantes não veriam a narrativa da obra de Faulkner como deslocada do tempo vivido por eles, e sim como um relato de vida parecido com as histórias das famílias. Assim é com O. G. Rego de Carvalho, visto que ele busca aproximar a sua obra daquilo que o leitor está a sentir. Ao fazer novas edições dos livros, ele alterava as falas das personagens, sempre colocando-as de maneira próxima à usual, adaptando-as à linguagem do presente. Justificava: “[...] sacrifiquei o português pela fluência da frase, pela naturalidade do escrever”¹⁶.

Com isso, compreende-se que a literatura tem sido um inegável caminho para as pessoas expressarem seus sentimentos. Escritores de épocas diferentes, de estilos diversos, cada um deles objetivava expressar através da literatura suas mais recônditas sensibilidades e inquietações. O papel passava a ser a testemunha, o confessor e o relicário dos letrados que buscavam, através do registro dessas percepções de ordem íntima, o entendimento sobre questões sociais e mesmo filosóficas. Desse modo, “a sensibilidade estaria na base do próprio

¹⁴ SANTOS, Nádya Maria Weber. *Narrativas da loucura e história de sensibilidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 31.

¹⁵ PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 236.

¹⁶ CARVALHO, 2014, p. 48.

conhecimento sobre o mundo que o espírito é capaz de produzir”¹⁷, na definição de Sandra Jatahy Pesavento.

Como referido acima, a obra de O. G. Rego denota muito da familiaridade do autor com o conteúdo da narrativa, o que mostra seu esforço em escrever algo que o levasse a adquirir notoriedade como literato. E assim passa a produzir contos. Esse exercício foi importante em sua carreira por lhe dar a possibilidade de amadurecimento da escrita e a chance de aprimorá-la por meio das recusas e críticas das revistas para as quais enviava suas produções. Tratava-se, na sua maioria, de revistas do Centro-Sul do país, especialmente, de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Florianópolis e Porto Alegre, locais buscados por muitos escritores para reconhecimento de seus trabalhos e por ofertarem maiores oportunidades de sucesso em uma carreira literária.

Com os contos ganhando expressividade nacional, O. G. Rego de Carvalho decide escrever seu primeiro romance, decisão em parte tomada pelo fato de que a revista *A Cigarra*, mensário que publicava contos e que nesta época era o de maior circulação do país, estabelecera que não publicaria mais seus contos na seção de concursos, considerando-o preparado para escrever um romance. É o que informa em *Como e por que me fiz escritor*:

Várias revistas e periódicos publicaram meus contos, até que a revista *A Cigarra*, perto do Natal, disse que não ia mais publicar os meus contos, porque eu já havia adquirido a experiência de escritor, que eu devia era reuni-los num livro e não mais mandar aqueles contos para concursos destinados a estreatantes. Eu me senti envaidecido com isso e disse: ‘Bom, agora eu tenho que escrever um romance. Agora chegou a minha vez de escrever um romance’. E, no Natal de 49, arquitetei um romance que haveria de ser *Ulisses entre o amor e a morte*¹⁸.

*Ulisses*¹⁹, o primeiro livro de O. G. Rego de Carvalho, incorpora experiências do autor, relacionando-se com sua própria vida e com as sensibilidades construídas a partir de suas vivências. A obra causou muito burburinho, com as opiniões nos jornais dividindo-se entre a apreciação e a difamação. O desagrado de alguns críticos decorreu do fato de o romance não corresponder à “moda literária” do momento, que destacava o regionalismo com ênfase na pobreza, nas secas e nos aspectos naturais da região Nordeste. As críticas direcionaram-se à

¹⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. p. 221-236. p. 222.

¹⁸ CARVALHO, 2014, p. 30.

¹⁹ CARVALHO, 1953.

“imaturidade” da escrita e resvalaram para o âmbito pessoal, colocando em dúvida seu talento para as letras, como no trecho a seguir, da lavra de Vitor Gonçalves Neto:

Não, nesse caso sejamos enérgicos e incompacentes. Rudes. Severos mesmo. Injustos até. Começamos achando o título da obra muito infantil e o conteúdo da mesma um bocado chinfrim. Por que o desgraçado não esperou mais alguns anos para nos dar alguma coisa melhor? E quem sabe também se durante esse tempo não desistiria de ser literato e iria com mais lucro ser burocrata qualquer? Vamos achatá-lo sim senhor! Quem mandou ser besta, pedante, cabotino, filhote da mamãe? Além do mais é outro concorrente e nesse ponto o amor-próprio supera qualquer velha amizade. [...] Mas nosso caso é outro. Vamos falar simplesmente da estreia [...]”²⁰.

Os ataques direcionados a *Ulisses* podem ser enxergados também como reconhecimento de seu trabalho, como sinal de que O. G. Rego de Carvalho alcançava o *status* de personalidade literária. A obra, por trazer enredo que se desenrola parte em Oeiras e parte em Teresina, acaba por ter conotação histórica, com a descrição de costumes e exposição de sentimentos que representavam a vida social das duas cidades. Para um dos críticos: “Parece que O. G. Rego de Carvalho se coloca no íntimo dos personagens que cria entranhando-se de tal forma que não mais imagina, apenas, vive, por assim dizer, o drama de cada um”²¹.

É nesse ambiente de transformações na cidade, de modernização de seus lugares, de leituras ‘rebeldes’ e de muitas polêmicas que O. G. Rego de Carvalho se lançou no universo das letras e começou a colher os primeiros frutos do seu labor intelectual. No mesmo momento, também se envolveu em polêmicas, viveu e incorporou os ressentimentos que marcaram a sua carreira literária. Em muitos dos seus escritos traçou seu universo de sensibilidades através de opiniões e queixas, explicitando ressentimentos, melancolia, apegos e estranheza com as interpretações de seus trabalhos.

Sobre as interpretações de seu trabalho que o descontentavam, o autor chegou a publicar um livro pela Editora Corisco, em que condenava a interpretação feita por uma professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sobre o *Rio subterrâneo*. O livro, que O. G. intitulou de *as teses universitárias ou o leito de Procusto*²², apresenta uma série de argumentos de maneira a comprovar a leitura equivocada que a autora fez do romance, apontando os principais erros, a começar pelo enredo que ela teria identificado na obra, o qual o autor dizia ser inexistente. O

²⁰ GONÇALVES NETO, 1954 apud NEGREIROS, Vanessa. **Em busca da “geração perdida”**: formação escolar e intelectual dos homens de letras em Teresina. Teresina: EDUFPI, 2015. p. 266.

²¹ DUARTE, José Afrânio Moreira. Somos todos inocentes. O Dia. Teresina, 1 ago. 1971. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007. p. 112.

²² CARVALHO, O. G. Rego de. **As teses universitárias ou o leito de Procusto**. Teresina: Editora Corisco, 1988. **Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 21 – 32, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

livro da professora Maria Gomes Figueiredo dos Reis, intitulado *Rio subterrâneo: estrutura e intertextualidade*, foi publicado pela Editora da Universidade Federal do Piauí, em 1995. Nele, a autora considera o romance de O. G. Rego de Carvalho como uma continuação de *Somos todos inocentes*, destacando aspectos das personagens e de suas trajetórias e indicando os usos do recurso da intertextualidade.

Neste jogo de interpretações, Cléria Botelho coloca que “Interpretar é: atribuir sentidos aos fatos narrados; é relacioná-los a uma teoria; é estabelecer uma relação dialógica entre o corpus e o pesquisador – relação sempre mediada pela cultura”²³. De modo que a interpretação é mediada pela construção cultural das pessoas, tanto do narrador quanto do pesquisador. Os documentos permitem que a eles se interprete de acordo com o conhecimento de quem o pesquisa, mas desde que este tenha responsabilidade de entender que um documento não é algo produzido sem significado, ele carrega o peso histórico, social e cultural do momento em que foi produzido, portanto interpretá-lo significa decodificar todos esses campos dentro de sua leitura. No entendimento de O. G. Rego, este foi o erro da professora, que desconsiderou elementos latentes da narrativa própria do livro para encaixá-lo na leitura que ela queria fazer dele. Eis aí uma explanação para a frase de Durval Muniz, “O arquivo e os documentos se fabricam, tanto quanto as narrativas que deles se utilizam”²⁴.

Outro aspecto importante que pode ser evocado acerca da carreira do escritor está relacionado às instituições culturais, caso das diversas associações que surgiram em Teresina nos anos 1940 e 1950, além da APL. Acerca dessa instituição, O. G. Rego de Carvalho manifestou, desde cedo, o seu desagrado, pois, em sua opinião, a APL nada fazia pelo desenvolvimento literário do Piauí. Como destacado anteriormente, para ele apenas seis nomes teriam valor no campo literário local, e os outros não perdiam sequer uma noite de sono com a preocupação de escrever. Essa opinião a respeito da APL seria retomada em várias entrevistas, em que também expressava o desinteresse em integrar seu quadro de literatos por achá-los conformados e confortáveis demais com suas posições e escritas.

Em 1971, afirmou: “Julgo que nela só deverão ingressar escritores realizados, que nada mais tenham a dizer. E eu sinto um mundo fervendo dentro de mim, à procura de exposição”²⁵.

²³ DA COSTA, Cléria Botelho. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. *História Oral*, v. 17, n. 2, p. 47-67, jul./dez., 2014. p. 50.

²⁴ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Raros e rotos, restos, rastros e rostos: os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. *Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 15, n. 26, p. 7-28, 2013. p. 25.

²⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Tarcísio Prado. O Dia. Teresina, 28/29 mar. 1971. In: KRUEL, Kenard. *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica*. Teresina: Zodíaco, 2007. p. 306.

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 21 – 32, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

Desse modo, expressava o descontentamento com as pessoas que ocupavam as cadeiras da APL, julgando-as acomodadas em suas posições, sem vontade de realizar novos projetos. Em entrevista de 1982, reiterava a opinião anterior:

Sobre a Academia, vou contar uma coisa curiosa; com a morte do poeta Martins Napoleão, decidiram que só eu teria condições de substituí-lo. Eu nem sei por que, uma vez que considero Martins Napoleão um bom poeta, mas não é um poeta insuperável. Mas cismaram que sendo ele o maior vulto da Academia, a maior homenagem que poderiam prestar ao poeta seria me colocar lá dentro. [...] O certo é que não quero ser membro da Academia, porque não tenho nada em comum com eles: minhas ideias são divergentes das deles; sempre fui a favor dos jovens, estou ficando velho, mas meu pensamento continua jovem; culturalmente, não me considero um velho apesar de ter passado algum tempo sem ler. Mas vou ler agora: estou cheio de bons livros para ler, tão logo me aposente do Banco do Brasil.²⁶

Considerava que o reconhecimento de seu talento como escritor não passava pelo pertencimento à instituição, embora tenha aceitado candidatar-se a uma vaga nesse mesmo ano de 1982. Perguntado em entrevista sobre como se deu essa mudança de atitude em relação à Academia, falou que cansou de justificar-se sobre não querer ingressar na instituição e resolveu assinar o requerimento, de modo que “[...] sem pedir voto a ninguém, sem escrever uma cartinha, sem fazer nenhuma visita, fui eleito com expressiva votação”²⁷. Interessante pensar que sua recusa a se tornar um dos imortais da APL também poderia vir do fato de O. G. não querer participar de uma instituição onde estavam pessoas que o criticaram na época da contenda a respeito da Faculdade de Filosofia.

Eleito, ocupou a Cadeira 6, cujo patrono é Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco. Advogava que o reconhecimento adveio da publicação de seus livros, das críticas positivas que receberam e da possibilidade de serem reeditados. O fato de ter adoecido escrevendo seu último livro – *Rio subterrâneo* –, e não interromper a escrita, revelaria a dedicação que um literato deve ter por sua obra, isso também servido de mérito para a sua carreira. Sobre o livro, informava:

Rio subterrâneo é o livro que me mais me fez sofrer, quer do ponto de vista humano, quer do artístico. É meu melhor romance. Nele estou por

²⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Cineas Santos. Presença. Teresina, nov. 1982. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007. p. 327.

²⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Jr. Jornal da Manhã. Teresina, 17 jan. 1988. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007. p. 338.

inteiro. É meu *Confiteor*, meu testamento espiritual. Quando da primeira edição, o livro não teve sorte: a editora pediu concordata, e se desfez do estoque, dele e de centenas de outros, a preço de liquidação. Apesar disso, em pouco tempo ele se esgotava. A edição de agora, com a chancela do Instituto Nacional do Livro, significa muito para mim: a certeza de que, depois de minha morte, poderá ser reeditado. Que mais pode querer um romancista?²⁸.

Em entrevista ao Circuito Interno de Teresina, declarou que se sentia realizado como escritor, “[...] porque apenas com três livros, eu consegui uma simpatia muito grande da crítica e do público, não só do Piauí, como fora do Piauí”²⁹. A compensação desse esforço, para ele, seria a cumplicidade de sentimentos entre o leitor e sua obra. Em seus termos: “Um escritor quando escreve, transmite seu pensamento, suas emoções, seus sentimentos... E na medida que ele afina com o pensamento, o sentimento do leitor, ele se realiza [...]”³⁰. O retorno financeiro de suas obras não o preocupava. Na época de lançamento de *Rio subterrâneo*, cedeu os seus direitos autorais para a Editora Civilização Brasileira.

Sentindo-se muito pressionado e em processo de adoecimento, ao tempo em que escrevia *Rio subterrâneo*, na primeira metade dos anos 1960, dedicou-se, a partir daí, à edição de suas obras e ao emprego no Banco do Brasil. Com o final de uma licença médica, voltou a trabalhar em ritmo normal, “sem faltar um só dia”³¹. A rotina na instituição não afetou seu ritmo de trabalho na escrita, conforme esclareceu em entrevista de 1988:

Separei as duas coisas. De tal modo que nunca admiti que, lá dentro, fosse tido como escritor, nem que fora do banco fosse outra coisa senão escritor. Vou-lhe contar um episódio: há algum tempo, o Banco do Brasil promoveu uma exposição dos livros escritos por seus funcionários. E pediu a colaboração do pessoal de todas as agências, para que mandasse as suas obras. Vi a notícia, recebi o apelo, mas não atendi. Depois um amigo meu, em visita a Teresina, me disse: ‘Olhe, o Jornal do Brasil noticiou a exposição, citou o nome de Osman Lins, Esdras do Nascimento, Petrarca do Maranhão, mas não falou em você’. Eu respondi brincando: ‘É que eu não sou escritor do Banco do Brasil...’. Sou um escritor, apenas. Dentro do banco fui somente

²⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. O. G. Rego de Carvalho: O passado me prende. Entrevista concedida a Cineas Santos. O Estado. Teresina, 22/23 fev. 1982. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007. p. 319.

²⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. Circuito Interno de Teresina. Teresina, jul. 1986. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007. p. 329.

³⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. Circuito Interno de Teresina. Teresina, jul. 1986. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007. p. 329.

³¹ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Tarcísio Prado. O Dia. Teresina, 28/29 mar. 1971. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007. p. 304.

funcionário, até a aposentadoria. Consegui separar as duas coisas, graças a Deus³².

Apesar de admitir não ter misturado o trabalho com sua vida de escritor, foi homenageado pela Superintendência do Banco do Brasil, em 1997, por sua contribuição à cultura brasileira. Outra homenagem ocorreu em 2001, na forma de uma “Placa entregue, em 8 de junho de 2001, pelo Circuito Cultural do Banco do Brasil por seu apoio e sua participação no projeto Rodas de Leitura, reconhecendo a importância de seu trabalho junto à comunidade intelectual do Piauí e do país”³³. O banco também se tornou um lugar de entretenimento para o escritor, que, depois da aposentadoria, passou a visitar o lugar para conversar com amigos que ainda lá trabalhavam.

Considerações finais

Pertencendo ao campo das sensibilidades, os ressentimentos atuam ligados à memória de um acontecimento que gerou uma mágoa profunda ou rancor, ferindo uma pessoa ou um grupo em seu orgulho, fazendo-os passar pela experiência da humilhação, da negação de si e da autoestima, suscitando o desejo de vingança³⁴, que pode ser, tanto individual quanto coletivo. Os ressentimentos continuam a latejar na memória da pessoa ou das sociedades ofendidas, durante anos, por uma vida inteira, podendo alcançar e se perpetuar nas gerações futuras, que continuarão a sofrer com seu peso, em uma renovação infinita de suas dores³⁵. Nesse sentido, as polêmicas nas quais O. G. Rego de Carvalho se envolveu deixaram marcas profundas, justamente pela habilidade de o atingirem em seu ponto mais sensível, o do orgulho de ser escritor. Suas palavras e opiniões muitas vezes geravam revoltas cuja resposta vinha em forma de ataque aos seus livros, especialmente ao primeiro, *Ulisses*, o que transtornava o autor e o levou a deixar o Piauí magoado.

Uma das formas usadas aqui para investigar esse universo de formação de identidade foi a busca pelo estranho. Na sensação de estranhamento está contido o limite de não conseguir recuperar as percepções de um momento passado, mas igualmente essa sensação contém a

³² CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Jr. Jornal da Manhã. Teresina, 17 jan. 1988. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007. p. 336.

³³ KRUEL, 2007, p. 68.

³⁴ ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento: indagações de uma questão sensível**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

³⁵ Para se entender melhor as extensões dos ressentimentos na História e como estes estão inscritos nela, o ensaio de Marc Ferro *O ressentimento na história faz essa abordagem*. FERRO, Marc. **O ressentimento na História**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2009.

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 21 – 32, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

proximidade com os significados atribuídos a uma época. A percepção de estranhamento não deve ser abandonada como recurso metodológico pelo historiador e ele deve mesmo por ela enveredar, como sugere Robert Darnton:

Desviar-se do caminho batido talvez não seja uma grande metodologia, mas cria a possibilidade de se apreciar alguns pontos de vista incomuns, que podem ser os mais reveladores. Não vejo por que a história cultural deva evitar o excêntrico, ou abraçar a média, porque não se pode calcular a média dos significados nem reduzir os símbolos ao mínimo denominador comum³⁶.

Desse modo, ao analisar-se a trajetória e obra de O. G. Rego de Carvalho, percebeu-se a atuação de um universo sensível, no qual o autor estava imerso, e que incidia sobre ele transbordando em sua escrita e em suas vivências. Ressentimentos e inquições sobre o amor, a morte e a loucura foram temáticas com as quais buscou projetar nacionalmente sua obra e ser reconhecido, enfrentando críticas e polêmicas, bem como a consagração de sua carreira como escritor, ganhando prêmios e sendo traduzido para outras línguas.

³⁶ DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Graal, 2011. p. 13.
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 21 – 32, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto